

PORQUE SOMOS DIFERENTES? Um olhar a partir das discussões de Diferença Cultural

Maria Iveni de Lima Silva¹

¹ Universidade Federal de Pernambuco-UFPE/ CAA Email ivenilima@gmail.com

RESUMO

O presente artigo é fruto de um projeto didático proposto no componente curricular: Estágio Supervisionado I pela Universidade Federal de Pernambuco, realizado na Educação Infantil com Crianças do PRÉ II. Para a realização deste projeto de Estágio apresentamos como Objetivo Geral: Compreender as diversas diferenças que nos permeiam a partir das discussões de Diferença Cultural. Os objetivos específicos foram: a) Identificar os elementos e/ou características de “diferenças” existentes (entre as pessoas) para os alunos; b) Analisar as relações de diferenças, aprendendo a respeitá-las no meio em que vivemos. Este projeto emergiu do desejo de tratar das diferenças existentes no âmbito escolar, bem como abordar uma temática de contexto social vivenciado pelas crianças, tanto no espaço escolar quanto no seio da família e no meio social. Para tanto, a título de organização das discussões, dividimos este artigo em sessões expondo: a) na primeira sessão apresentamos um diálogo sobre Infância; à escola como ambiente permeado de diferenças culturais; b) na segunda sessão inserimos compreensões sobre Diferença Cultural e Interculturalidade Crítica; c) na terceira sessão abordamos nossa metodologia-teórica, pois inserimos os métodos adotados e o passo a passo da realização do projeto; d) por fim apresentamos nossas considerações finais. A metodologia adotada se constitui em momentos de apresentação de materiais didáticos que nos possibilitasse o diálogo sobre o tema proposto, a realização de dinâmicas e questionamentos onde os alunos pudessem compreender as questões de diferença cultural de forma crítica para assim, realizarmos o produto final. Este produto se constitui na formação de um corpo de uma pessoa (seja do sexo feminino ou masculino) com diferentes características que serão atribuídas de acordo com o que cada grupo escolher (grupo este dos alunos). O resultado final com a elaboração do corpo humano seguindo as características que os alunos escolhessem nos revelou o quanto é importante o debate sobre as questões de diferença cultural, bem como de levantarmos a bandeira de que as crianças não nascem preconceituosas, mas que a sociedade possibilita as condições de torna-se um ser humano recheado dos aspectos colonialistas.

Palavra-chave: Diferença Cultural, Infância, Interculturalidade Crítica.

Introdução:

O presente artigo é fruto do resultado do projeto didático proposto no Estágio Supervisionado I, realizado na Educação Infantil com Crianças do PRÉ II: faixa etária 5 anos de idade, em uma sala composta de 26 alunos. O projeto didático realizado neste estágio é resultado da integração de um olhar atento e reflexivo para a educação infantil pautados em uma relação de teoria e prática. Neste estágio após os momentos de interação (estagiaria- professor- e alunos) e de observações realizamos uma intervenção onde buscamos apresentar elementos que despertassem nos alunos compreensões

sobre as questões de diferença cultural. Tendo como local para a realização do mesmo a Escola Municipal João Correia de Melo, na cidade de Lagoa dos Gatos-PE.

O projeto proposto emergiu dos estudos e das leituras realizadas no âmbito da educação infantil e de nossas observações no campo de estágio, bem como de abordarmos uma temática que contemplasse algo de contexto social vivenciado pelas crianças, tanto no espaço escolar quanto no seio da família e no meio social.

O tema Porque Somos Diferentes? emergiu do desejo de tratarmos sobre as diferenças existentes no âmbito escolar, em ressaltarmos compreensões sobre as diferenças sociais, culturais, físicas, sexuais, existentes entre todos nós seres humanos. Vale ressaltarmos que todos nós temos características variáveis que nos tornam diferentes uns dos outros, tanto em aspectos físicos quanto no modo de ser, de agir, de pensar, de se vestir, de viver, etc. Aspectos esses, que nos diferenciam nesse espaço social-cultural.

Para realizarmos este projeto desempenhamos como Objetivo Geral: Compreender as diversas diferenças que nos permeiam a partir das discussões da diferença cultural. Os objetivos específicos foram: a) Identificar os elementos e/ou características de “diferenças” existentes (entre as pessoas) para os alunos; b) Analisar as relações de diferenças, aprendendo a respeitá-las no meio em que vivemos.

Nesse sentido, sabemos que as relações de diferenças são abrangentes e para a construção desse projeto, desmembramos algumas ações metodológicas no viés da Interculturalidade Crítica para construção de saberes sobre o tema proposto. Assim, embasados nessa temática “Porque Somos Diferentes?” buscamos levar as crianças a refletir sobre as diferenças existentes entre as pessoas, para tanto, indagamo-los sobre atitudes que ocorrem no cotidiano. Sendo uma necessidade premente considerar as crianças em toda a sua plenitude, dando-lhes oportunidades para problematizar as diferenças.

Desse modo, além da Introdução este artigo está dividido em mais três momentos: a) na primeira sessão apresentamos um diálogo sobre Infância, à escola como ambiente permeado de diferenças culturais; b) na segunda sessão inserimos compreensões sobre diferença cultural e Interculturalidade Crítica; c) na terceira sessão abordamos nossa metodologia-teórica, pois inserimos os métodos adotados e o passo a passo da realização do projeto; d) por fim nesta última sessão apresentamos nossas considerações finais.

Dialogando sobre Infância e Escola como espaço de diferenças culturais



Nesta parte do trabalho buscamos compreender questões sobre a Educação Infantil, bem como sobre o surgimento e como a mesma está inserida hoje na sociedade.

Assim, é imprescindível salientarmos que a Educação Infantil se configurou mediante as transformações no mundo e principalmente do trabalho, possibilitando a inserção da mulher no trabalho fora de casa, o que desencadeou a necessidade de uma assistência para as crianças fora do contexto familiar. Segundo Oliveira (2007, p.60):

Gradativamente, surgiram arranjos mais formais para atendimento das crianças fora da família em instituições de caráter filantrópico especialmente delineadas para esse objetivo e que organizavam as condições para o desenvolvimento infantil segundo a forma como o destino social da criança atendida era pensado.

Dessa forma, observamos que tanto os aspectos sociais quanto os econômicos já interferiam na história da infância, na instrução da criança, no aprimoramento de seus hábitos, comportamentos e valores. Assim, no tempo-espaço-histórico devido aos processos de modernização e de mudanças no pensamento pedagógico ao qual a sociedade perpassava, começou-se a enxergar as crianças como, sujeitos de direitos.

Nesse contexto, a infância que antes era silenciada, sai da margem da sociedade assumindo uma nova identidade que segundo Oliveira (2007, p.45):

Crianças são aquelas “figurinhas” curiosas e ativas, com direitos e necessidades, que precisam de um espaço diferente tanto no ambiente familiar, onde são objetos de afeto dos adultos, quanto do ambiente escolar tradicional... Dessa forma, propomos que creches e pré-escolas busquem aproximar cultura, linguagem, cognição e afetividade como elementos constituintes do desenvolvimento humano.

As questões da infância foram se modificando na medida em que as crianças começaram a serem vistas não mais como um “adulto em miniatura”. Para tanto, na sociedade atual temos visto não apenas o discurso de “Crianças como sujeitos de direitos”, mas também de uma Educação de qualidade, favorecimento de conhecimentos, estruturas, dentre outros aspectos para condição dessa qualidade educacional.

Contudo, vale ressaltarmos que existem duas características substanciais quando se fala em educação infantil: o cuidar e o educar. No decorrer da história a infância pauta-se no cuidar referindo-se aos cuidados assistencialistas, na hodiernidade “cuidar significa valorizar e ajudar a





desenvolver capacidades. Desse modo, o cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos” (BRASIL. 1998, p, 24).

Além do cuidar, o ato de educar se configura em propiciar situações significativas de aprendizagem para as crianças. Nesse contexto é importante compreendermos que: O Referencial curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p.23) define a seguinte compreensão:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.

Assim, partindo desta afirmação o ato de educar foge dos paradigmas mecânicos, propiciando a criança uma vida escolar ativa, plural e rica em possibilidades, descobertas e conhecimentos. Sempre respeitando o tempo de cada criança e a sua postura de sujeito completo e não fragmentado.

Portanto, a escola é um espaço importante para se iniciar o debate sobre educação, este como ambiente permeado pelas diferenças culturais é espaço que permeia múltiplas temáticas da realidade de cada infante, como também de vivências, experiências, aprendizagens, troca de saberes e de culturas. Nesse contexto, os autores Craidy e Kaercher (2001, p.16) afirmam que:

A criança vive em um momento fecundo, em que a interação com as pessoas e as coisas no mundo vai levando-a a atribuir significados aquilo que a cerca. Este processo que faz com que a criança passe a participar de uma experiência cultural que é própria de seu grupo social é o que chamamos de educação. No entanto, essa participação na experiência cultural não ocorre isolada, fora de um ambiente de cuidados, de uma experiência de vida afetiva e de um contexto material que lhes dá suporte.

No entanto, para além dos muros escolares a articulação entre criança/criança, criança/adulto, comunidade/escola, realidade/conteúdos, diversidade/preconceitos e o debate sobre diferenças culturais é um desafio que vem sendo paulatinamente discutido, em busca de uma superação. Como também ressaltamos a necessidade de levantarmos a bandeira de ir além de meras questões de conhecer esses desafios do âmbito escolar, mas de lutarmos por mudanças. Nesse contexto, tendo em vista essa perspectiva compreendemos que a discussão sobre diferença cultural no viés da Interculturalidade crítica pode ser a ponte para tais perspectivas de mudanças.

Diferença Cultural e Interculturalidade Crítica



A princípio, compreendemos que: Diferença Cultural e as formas da Interculturalidade acenam diferentes perspectivas de poder. Na Diferença Cultural sejam elas: étnicas, de gênero, religiosas, entre outras, manifestam os elementos do modo de ser, de saber e de expressões diversas. Nesta direção, as diferenças culturais estão ligadas em um processo sócio-histórico e em construção. De acordo com Silva:

em geral, utiliza-se o termo [diversidade] para advogar uma política de tolerância e respeito entre as diferentes culturas. Ele tem, entretanto, pouca relevância teórica, sobretudo por seu evidente essencialismo cultural, trazendo implícita a ideia de que a diversidade está dada, que ela pré-existe aos processos sociais pelos quais numa outra perspectiva ela foi, antes de qualquer outra coisa, criada. Prefere-se, neste sentido, o conceito de “diferença”, por enfatizar o processo social de produção da diferença e da identidade, em suas conexões, sobretudo com relações de poder e autoridade (2000, p. 44-45).

A compreensão da existência de diferentes culturas não significa a valorização por igual de cada uma delas, ou seja, existe, por exemplo: uma Cultura Branca e uma Cultura Negra e estas são valorizadas de formas diferentes. Para tanto, vale ressaltarmos que as diferenças culturais sejam elas religiosas, de cor, de gênero, dentre outras precisam ser contempladas nos debates e nos currículos escolares para além do mero reconhecimento.

Nessa perspectiva inserimos o diálogo sobre Interculturalidade compreendida como a relação entre as diversas culturas e por um movimento de resistência epistêmica e política que, segundo Walsh, significa:

mais do que um simples conceito de inter-relação, a interculturalidade assinala e significa processos de construção de conhecimentos ‘outros’, de uma prática política ‘outra’, de um poder social ‘outro’, e de uma sociedade ‘outra’, formas diferentes de pensar e atuar em relação e contra a modernidade/colonialidade, um paradigma que é pensado através da prática política (2006, p. 21).

Nestas reflexões, a lógica do poder é determinada pelo Estado na tentativa de silenciamento das vozes das minorias reconhecendo-as e “acolhendo-as”. Nesse movimento não as ignora, mas a acolhida advém de forma Funcional de modo a estarem adequados aos conhecimentos considerados válidos no currículo nacional.

Nesse contexto, inserimos a importância de pensarmos a Educação para além do reconhecimento das diferenças culturais (como já aferimos), mas com a possibilidade de romper com o silenciamento sobre tais questões nos ambientes escolares, ou seja, de buscarmos romper



com os moldes colonizados, dos conhecimentos apenas pautados no modelo de currículo centralizado.

Para tanto, se faz necessário uma Interculturalidade Crítica com um posicionamento crítico frente aos modelos estabelecidos eurocêntricos, ou seja, para além de uma Interculturalidade Funcional de mero reconhecimento e oficialização das diferenças. Neste último fator, os saberes sobre as questões de diferença cultural são desconsiderados, ou seja, tais saberes são acolhidos superficialmente de modo que: a Interculturalidade Funcional objetiva silenciar os movimentos populares, fazendo com que as diferentes culturas apenas sejam integradas ao modelo social/educacional vigente (TORRES, 2013).

Diante disso, a Educação Intercultural Crítica (é uma perspectiva crítica para enxergarmos as visões colonizadas na sociedade). Segundo Candau e Oliveira (2010), uma Educação firmada da perspectiva da Intercultural Crítica abre espaço para o diálogo na perspectiva da Pedagogia Decolonial que contribui buscando criar projetos pedagógicos outros para a valorização, reconhecimento e inserção das culturas outras. Esta perspectiva reconhece outras formas de conhecimentos que não seja apenas os firmados no padrão eurocêntrico, mas reconhece os sujeitos outros como sujeitos epistêmicos.

Desenvolvimento metodológico do projeto

A metodologia adotada se constitui em momentos de apresentação de matérias didáticas que nos possibilitou o diálogo sobre o tema proposto, a realização de dinâmicas e questionamentos (perguntas-indagações) no intuito de compressões sobre as questões de diferença cultural de forma crítica, para assim, realizarmos o produto final. Este produto final se constitui na formação de um corpo (compondo características de um corpo humano) com diferentes características que foram atribuídas de acordo com o que cada grupo escolhessem (grupo este dos alunos).

-Desenvolvimento do Projeto Didático:

Para realização dessa proposta, que se estabeleceu do desejo de problematizar as relações de diferenças (diferenças-culturais) a partir de diálogos e observações foi possível identificar que poderíamos trazer esse tema de forma atrativa para os alunos, contemplando aquilo que percebemos do momento de mais interação das crianças (brincadeiras), na qual os mesmos participam





ativamente e cotidianamente de brincadeiras, feitas pela professora e a auxiliar de forma livre ou orientadas.

Nesse sentido, percebemos que alguns materiais didáticos podem nos auxiliar na aplicação desse projeto, como também de grande importância no auxílio da aprendizagem dessas crianças, ou seja, de um trabalho de forma lúdica.

Assim, escolhemos a contação de história utilizando os fantoches. Para esse recurso, escolhemos duas historinhas, (“Por que somos de cores diferentes?” de Carmen Gil, e “Menina Bonita do Laço de Fita” de Ana Maria Machado) que auxilia na compreensão do que é ser diferente, e das características de diferenças físicas entre as pessoas.

Além da contação de histórias tivemos como auxílio um vídeo que apresenta uma música coreografada com crianças tratando sobre o tema: Ninguém é igual a Ninguém, do Instituto Stagium, (2005). Com a apresentação desse vídeo pudemos indagar a seguinte afirmação: **JÁ IMAGINOU SE TODO MUNDO FOSSE IGUAL: COMO IRIA SER? .**

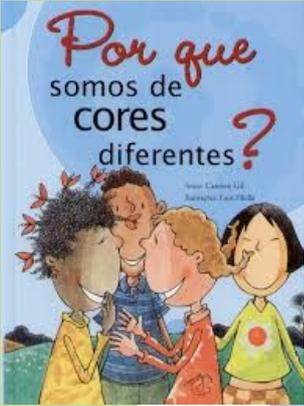
Dessa forma, os materiais para a realização desse projeto foram: DVD, Fantoches, Livros, Papéis coloridos (na elaboração das peças que formaram as características de corpos humanas).

-Desenvolvimento das etapas

	1º MOMENTO	
	Atividade Desenvolvida	



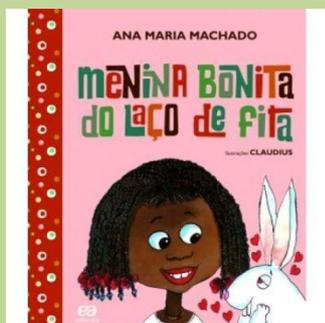


<p>Anexo I</p> 	<ul style="list-style-type: none">➤ No primeiro dia da execução do projeto, será realizada a indagação no cartaz: JÁ IMAGINOU SE TODO MUNDO FOSSE IGUAL: COMO IRIA SER? Nesse momento vamos questionar os alunos com indagações: Se todos temos os mesmos nomes? A mesma altura? A mesma cor da pele? O mesmo jeito de falar? O mesmo modo de se vestir, e outras indagações que surgirem dos alunos neste momento.➤ Em seguida, iremos apresentar a música "Ninguém é igual a ninguém", por meio de um vídeo, em que as crianças poderão ver a coreografia e participar, de forma descontraída e dinâmica. Nesse sentido, o vídeo com essa temática, proporciona um entendimento sobre as indagações feitas anteriormente.➤ Depois da execução da música, faremos outras indagações: se gostaram da música? De que a música falava? Se na sala de aula todos os coleguinhas são iguais? Se eles identificaram alguma característica de "diferença" que eles não consideravam antes? E outros pontos que surgirem nesse dialogo.➤ No segundo momento deste dia, faremos a apresentação do tema com a contação da história do livro: "Por que somos de cores diferentes?" de Carmen Gil, de forma dinâmica com a utilização dos fantoches.➤ Em seguida discussão do livro abordando a cor, nacionalidade, região, e trazendo também para o espaço da sala de aula questões, sobre as características físicas entre eles.
---	--

2º MOMENTO	
	Atividade Desenvolvida



Anexo II



- No primeiro momento, após uma acolhida, iniciaremos com a leitura do livro “Menina bonita do laço de fita” de Ana Maria Machado.
- Após a leitura voltaremos a dialogar com os alunos sobre o tema abordando os aspectos importantes da historinha contada. Falando em respeito ao outro, em aceitarmos a maneira que somos etc.
- No segundo momento iremos propor a realização do produto final, a partir de uma dinâmica “Características do corpo”. A turma será dividida em pequenos grupos de 4 à 5 pessoas em cada. Cada grupo escolherão as partes do corpo humano que acharem necessárias, que por sua vez serão disponibilizadas e estarão misturadas, em cima de uma mesa, como: braços, mãos, pernas, olhos, cabelos, e outras partes de um corpo etc. E que terão características diferentes, pois cada grupo montará da sua maneira.
- Discutir com as crianças: Se gostaram da brincadeira? Porque montou daquela forma o corpo? Se pode ser montado de outra forma? E concluir com a indagação porque somos diferentes?
- Nesse sentido, iremos refletir finalizando a questão Central. Que todos nos temos variáveis características que nos torna diferente um do outro, tanto em aspectos físicos quanto no modo de ser, de agir, de pensar, de se vestir, etc.

Considerações Finais:

Os resultados deste projeto apontam que há a necessidade das escolas trabalharem desde o início da escolarização sobre as questões de diferença cultural, pois compreendemos que este é um dos caminhos para a diminuição (ou até mesmo o extermínio) de preconceitos raciais, discriminações e outras questões que desperte a exclusão de pessoas na escola/e ou no meio social. Assim, o currículo é um elemento crucial para a elaboração de práticas docentes para o rompimento de saberes centralizado, sem diálogos e que não oferecem espaço para o debate da diferença cultural.

A partir da realização da produção do trabalho “Características do corpo humano”, pudemos compreender que as crianças não tinham malícia quanto aos aspectos diferentes de cada modelo por eles formado (com as peças que compõem um corpo humano). Vale ressaltarmos que foram perceptíveis os olhares das crianças sobre os projetos finais de cada grupo, olhares estes de curiosidades.

O resultado final com a elaboração do corpo humano seguindo as características que os alunos escolhessem nos revelou o quanto é importante o debate sobre as questões de diferença

cultural, bem como de levantarmos a bandeira de que as crianças não nascem preconceituosas, mas que a sociedade possibilita as condições de torna-se um ser humano recheado dos aspectos colonialistas.

Assim, entendemos que cada grupo ao formar a composição de um corpo humano não estavam preocupados em quem iria terminar primeiro ou montar o mais bonito, mas em montar as característica que pareciam com as pessoas de cada grupo (valorizando a identidade das crianças). Nesse contexto, compreendemos que a escola é um espaço privilegiado onde possa possibilitar à autonomia e a inclusão dos educandos no meio social e a valorização de sua identidade.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Referencial curricular Nacional para a Educação Infantil. v. 1, Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e Intercultural no Brasil. In. **Educação em Revista**. v. 26 | n.01, p.15-40, Belo Horizonte, abr. 2010.

CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. **Educação Infantil: Pra que te quero?** - Porto Alegre: Artmed, 2001.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: Fundamentos e métodos**. – 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Tomás Tadeu da. **Teorias do Currículo: uma introdução crítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TORRES, Denise Xavier. **Concepções de Avaliação da Aprendizagem de professoras que atuam em escolas situadas em áreas rurais**. (Dissertação de Mestrado em Educação) Recife, 2013.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad y (de) colonialidad: diferencia y nación de outro modo**. 2006. <http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/biblioteca/libros/37.pdf>